

O PAPEL DO EDUCADOR PROGRESSISTA NO ESTÍMULO À CRIATIVIDADE E COOPERAÇÃO ENTRE OS EDUCANDOS

Vânia Teresa Meneghetti¹

Eixo 9: Educação Popular Pública

RESUMO

Com este trabalho buscamos propor uma reflexão sobre o papel do educador em relação à importância do desenvolvimento da criatividade e da cooperação entre os educandos. O aporte teórico que estamos propondo, através das contribuições de Alencar, Oliveira e Rosas, relaciona-se com questões referentes à criatividade e aos requisitos necessários para que o educador possa trabalhar de modo a desenvolvê-la em sala de aula. Num diálogo com esses autores trazemos algumas ideias de Freire a respeito da afetividade e amorosidade na relação entre educador e educandos para que exista um clima propício ao trabalho criativo. Finalizamos ainda com Koch, destacando alguns conceitos de Linguística Textual, uma vez que o trabalho traz o relato de uma estratégia educativa voltada à produção textual. Essa atividade foi realizada com crianças de uma turma de 4º ano de uma escola pública de Santa Maria, RS e possibilita uma análise de alguns aspectos teóricos e práticos em relação ao tema. A proposta foi desenvolvida em aula, onde os alunos desenharam um planeta imaginário e escreveram sobre ele. Posteriormente, com a ideia de montar um livrinho com os textos, e com a concordância dos alunos, cada um deles foi lido para o grupo, que contribuiu com ideias para torná-lo mais claro, coeso, coerente e criativo. Os alunos deram sugestões para organizar o livro como um todo, estabelecendo ligação entre os textos, e foram escolhidas as melhores ideias para concluir o trabalho. A realização da atividade demonstrou que há muitas dificuldades para concretizar uma proposta como essa, mas que não é impossível, e isso depende de tempo, dedicação, paciência, comprometimento e fé.

Primeiras palavras

¹ Graduada em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e Respectivas Literaturas (UFSM), Especialista em Gestão Educacional (UFSM), mestranda em Políticas y Administración de la Educación (UNTREF, Buenos Aires), professora municipal em Santa Maria, RS. E-mail: vaniatmeneghetti@gmail.com.

Inicialmente, é preciso mencionar que o conceito de criatividade remete, segundo Alencar (2008), às línguas latina (“creare”) e grega (“krainen”), e significa “fazer”, “realizar”. É um conceito usado em várias áreas do conhecimento e é inegável sua importância no mundo, haja vista todo o processo de evolução da humanidade ao longo do tempo e a contribuição de inúmeras mentes criativas em todas as áreas do conhecimento, nos mais diferentes recantos.

As pesquisas sobre criatividade já apresentaram uma tendência a acreditar que ela estaria relacionada com um dom especial ou com características individuais de algumas pessoas (ROSAS, 2013, e ALENCAR, 2002); porém, atualmente, entende-se que “o seu desenvolvimento e expressão transcendem a dimensão individual, sendo de especial importância as circunstâncias sócio-culturais” (ALENCAR, 2002, p.167), entre as quais, além da família e do meio em que vive a criança e o jovem, encontra-se o ambiente de educação formal.

A autora ressalta a necessidade de “promovê-la na formação dos alunos” (p. 296) e destaca atitudes do professor que tenderiam a despertar/desenvolver a criatividade em aula:

“ouvir ideias diferentes das suas, encorajar os alunos a realizar seus próprios projetos; estimular o questionamento, dando-lhes tempo para pensar e para testarem hipóteses; estimular a curiosidade; criar um ambiente sem pressões, amigável, seguro; usar a crítica com cautela; e buscar descobrir o potencial de cada aluno.” (ALENCAR, 2008, p. 297)

Uano (2002, apud ALENCAR, 2008) afirma que existem múltiplas estratégias para auxiliar no desenvolvimento de um espírito criativo, “todas baseadas numa liberdade responsável, já que aliado ao clima de afeto, confiança, compreensão, é importante definir as expectativas e os limites, os espaços de liberdade e os indicadores de responsabilidade” (p. 299). A afetividade nas relações entre educadores e educandos é destacada por Paulo Freire em várias de suas obras, como um fator de grande importância para uma relação pedagógica produtiva e bem sucedida. Em “Pedagogia da Autonomia”, dedica um capítulo ao “querer bem” e enfatiza que “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade” (FREIRE, 2013a, p. 138), não se separa da “seriedade docente”, mas “é uma experiência alegre por natureza” (idem, p. 139). Em outras obras, usa o termo amorosidade. “E amorosidade não apenas aos alunos, mas ao próprio processo de ensinar” (FREIRE, 2013b, p. 123). Essa atitude, entretanto, não tem a ver com ingenuidade ou conformismo, pelo contrário, diz Freire, é o que dá coragem para lutar, denunciar, anunciar. “É essa a forma de amar indispensável ao

educador ou educadora progressista e que precisa ser aprendida e vivida por nós” (idem, p. 124).

O papel do educador, portanto, segundo OLIVEIRA e ALENCAR(2008), é de fundamental importância para estimular a expressão criativa dos educandos, sendo necessário que ele próprio seja ativo e criativo:

“o professor tem a responsabilidade de contribuir para a formação desses novos cidadãos da contemporaneidade, valendo-se da criatividade para dinamizar as suas aulas e fazer com que a educação seja vista como um componente da vida e do progresso do mundo” (p.304)

Pensando em contribuir para o desenvolvimento da criatividade dos alunos, planejamos a atividade que será relatada a seguir, as quais foram desenvolvidas numa escola municipal de ensino fundamental da zona sul de Santa Maria-RS, de maio a agosto do ano corrente, no período de uma hora-aula semanal. Trabalho nessa escola com alunos de anos iniciais, enquanto as professoras titulares das turmas têm horário reservado para planejamento. O planejamento acontece um dia por semana. A cada ano letivo, conforme a disponibilidade, a equipe gestora organiza os professores para atender as turmas em aulas de Educação Física, Artes, Informática, Inglês, Literatura ou Reforço Escolar. Em 2015, como há 4 turmas em cada ano, de terça a sexta há 4 professores que se revezam atendendo os alunos. O planejamento do 4º ano ocorre nas quintas-feiras. Normalmente, com a falta de professores, há dificuldade em pôr em prática essa forma de organização e neste ano, novamente o início dessas aulas ocorreu somente a partir do mês de abril.

Ao ser organizado o ano letivo, foi solicitado aos professores que atuavam no planejamento que enfatizassem a produção textual, uma das grandes dificuldades dos alunos. Sendo assim, as atividades que nos propomos a realizar tinham como objetivos estimular relações mais saudáveis e redução de situações de conflito, desenvolver a sensibilidade, a criatividade e a colaboração, e estimular a motivação dos alunos para a leitura e produção de textos. Realizamos diversas atividades com as turmas de 4º ano, porém iremos nos restringir ao relato de uma delas, como segue.

Uma viagem interplanetária

Uma das coisas que mais desperta a curiosidade do ser humano é a possibilidade de existir vida em outros planetas. Como não temos ainda conhecimento científico para responder a indagações acerca disso, a imaginação dá conta de inúmeras possibilidades.

Pensando nisso, levei a proposta de produção de texto aos alunos da turma 4º Laranja e expliquei que estava pensando em fazer com eles um trabalho diferente. Para isso, começamos conversando sobre filmes e seriados com o tema ficção científica. Alguns já tinham assistido a filmes desse gênero, outros não. Mas todos conseguiam imaginar naves espaciais, seres extraterrestres e viagens pelo espaço, e lembraram cenas e personagens de filmes como Avatar, E.T. e, principalmente, Guerras nas Estrelas.

Souza (1995) sugere que o planejamento da produção de texto inicie com uma etapa intertextual, em que o aluno, no caso, poderá levar em conta o “universo de informação que possui” a respeito do assunto sobre o qual irá escrever. Assim, estávamos de acordo com Souza, ao se referir ao que escreve, dizendo que “Seu conhecimento do mundo, suas leituras semióticas (filmes, peças teatrais, livros) e suas reflexões constituem o lastro disponível sobre o tema” (1995, p. 126). É a “leitura do mundo”, precedendo a “leitura da palavra”, diz Freire.

Concluída essa parte inicial, coloquei a música tema do filme 2001- Uma Odisseia no Espaço, distribuí folhas e pedi que desenhassem um planeta imaginário, enquanto escutavam a música. Depois, partilhamos canetinhas e lápis de cor e todos tinham que colorir seu planeta e dar-lhe um nome. Desse modo, pensamos em, inicialmente, explorar artisticamente o assunto. É interessante que, num primeiro momento, mais da metade da turma tinha dificuldades para nomear seu planeta com nomes criativos, diferentes, preferindo palavras que tinham ouvido na TV ou nos filmes. Porém, vendo que algum colega “torcia o nariz” para nomes triviais, repetidos, depois de algumas sugestões de colegas e insistência da professora, foram surgindo nomes mais originais.

Enquanto pintavam, solicitei que fossem pensando em como seria o planeta. Quem habitava ali? Como eram os seres? Seriam muitos ou poucos? E de que se alimentavam? Que faziam para manter o planeta, digamos, sustentável? Qual seria o tamanho dele? E a forma? Como era a temperatura? O clima? Esses questionamentos tinham por objetivo instigar a imaginação. Conforme Prado-Diez (1999, apud OLIVEIRA e ALENCAR, 2008), é importante utilizar “técnicas de analogia, invenção, fantasia” (...) pois também entende que “criar é repetir variando (...) procurando algo original” (p.300) O fato de viver num planeta rico de espécies animais e vegetais, além de inúmeros recursos, pode ser tomado como parâmetro para imaginar um local fictício. A partir das reflexões e provocações, a maioria dos alunos conseguiu pensar no seu planeta como um lugar com uma certa organização. Na aula seguinte, teriam que escrever sobre ele, mas alguns mais apressados já foram iniciando, outros preferiram demorar-se na pintura, já que a escrita exigia um pouco mais de esforço.

A curiosidade natural das crianças fez com que desejassem ver o que os colegas estavam produzindo e isso provocou uma certa movimentação na sala de aula. Nesses momentos, o bom senso exige que o educador esteja atento para manter a disciplina e a “rigoriedade” de que fala Freire, porém sem deixar de estimular a criatividade e a imaginação. Afinal, conforme as pesquisadoras, “para haver um clima criativo em sala de aula, o professor deve adotar, entre outras atitudes, a de proteger e encorajar o trabalho criativo e a elaboração de produtos originais” (OLIVEIRA e ALENCAR, 2008, p. 298)

É interessante destacar que um dos alunos expressou com sinceridade: “Eu não consigo escrever, professora”! Eu já conhecia o menino do ano anterior e desde aquela época, sabia que ele lia com alguma dificuldade, mas não conseguia escrever, limitando-se a copiar. Sentei lá no fundo ao seu lado e perguntei se gostaria que eu escrevesse o que ele tinha em mente, e depois ele passaria para o caderno. Ele concordou. Foi falando como era o tal planeta, os seres primitivos que lá havia... Perguntei se falavam. Ele disse que não, pensou um pouco e criou uma sequência de sons – Hu! Há! Hã! Hu! Há! Hã! - dizendo que se comunicavam assim. Segui descrevendo e, em poucos minutos, o texto ficou pronto. Entreguei-lhe para que transcrevesse em outra folha e ele se encheu de orgulho de sua criação. Sorria, dirigindo-se aos colegas e dizendo: “O meu já tá pronto!” Isso me fez refletir sobre uma passagem da obra *Pedagogia da Autonomia*:

“A atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza. É falso também tomar como inconciliáveis seriedade docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigoriedade.” (FREIRE, 2013, p. 139)

Havia alegria no rosto daquele menino. A alegria de ter conseguido criar. E isso tem um grande valor para a autoestima de qualquer um.

Um bom grupo de alunos, na aula seguinte, conseguiu produzir um texto com alguma coerência. Perguntei o que achariam de fazermos um livrinho com o material que estava sendo produzido, e essa ideia os deixou bastante animados. Talvez por isso logo concordaram que os trabalhos poderiam ser lidos em voz alta, e poderiam ser dadas sugestões para melhorá-los.

É importante salientar que a questão da tessitura do texto, que é objeto de estudo da *Linguística Textual*, têm apontado sete fatores responsáveis pela textualidade: coesão, coerência, informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade (KOCH, 2004, p.11). A presença desses fatores no processo de escritura de um texto é o que faz com que ele seja considerado como tal. “O texto é muito mais que a simples

soma das frases (e palavras) que o compõem” (Idem, p.11) Esses aspectos não foram mencionados aos alunos em termos teóricos, porém, durante a leitura, era possível detectar problemas na descrição dos planetas, especialmente problemas de coerência global, já que, segundo COSTA e FOLTRAN (2013), a coerência é um princípio de interpretabilidade que “só se constitui quando há o reconhecimento de uma configuração significativa sem a qual o texto não atingiria sua eficácia comunicativa” (p. 66). Desse modo, durante a leitura dos textos, os próprios alunos percebiam quando havia falta de coerência ou frases mal formuladas ou incompletas, e contribuía para melhorá-los. Fizemos a leitura num dia de chuva. Alguns alunos haviam faltado, então ninguém “mexeu” no texto dos ausentes.

O trabalho de produção do texto foi bem mais difícil para alguns alunos. São crianças que não ainda estão completamente alfabetizados e precisam de ajuda pois, para elas, as dificuldades na produção textual, mesmo em se tratando de um texto curto, é motivo para se sentirem envergonhadas, ou desestimuladas, ou tentadas a se esquivar. Entretanto, oralmente são capazes de criar, de inventar histórias e mundos fictícios, e para isso precisam ser instigadas, conforme Rosas:

“Criatividade como condição humana expressa a clareza de que a ação criativa é consequência de processos cognitivos, está associada ao modo de vida, das condições das aprendizagens. (...) Não é privilégio dos bem sucedidos” (ROSAS, p.20)

Propor condições de aprendizagem em que todos os alunos tenham acesso a um mínimo de dedicação do professor é tarefa difícil, quando se tem de conciliar as exigências da rotina da escola e as necessidades de cada aluno individualmente. A questão tempo é fundamental. Como o período em que permaneço com a turma dura uma hora, na melhor das hipóteses - pois às vezes acontecem pequenas interrupções por diversos motivos-, é difícil conseguir dar uma atenção individualizada. Por isso foi necessário chamar alguns alunos individualmente, em outras oportunidades, a fim de dar continuidade ou de concluir o que haviam iniciado.

A atividade terá prosseguimento no 3º trimestre com a montagem do livrinho. Os textos e desenhos serão organizados em uma história, para a qual foi escolhida uma personagem, chamada Luana, sugerida por uma das alunas. A grande viagem de Luana está sendo preparada na forma de um livro para colorir e pretendemos fazer um encerramento com a entrega de cópias a todos os alunos da turma antes do final do ano.

Considerações Finais

Iniciamos este trabalho com uma proposta de reflexão. A experiência de tantos anos trabalhando em diversos níveis da educação pública permite concordar com Freire quando fala em magistério como uma “tarefa exigente” em diversos aspectos. Mas ele também fala em magistério como uma tarefa prazerosa. Ao concluir este trabalho, desejo ressaltar o segundo aspecto, pois é bem possível que seja o responsável por manter tantos educadores firmes em seus propósitos, corajosos em suas lutas por uma educação valorizada e valorizadora das capacidades de educandos e também de educadores.

Conforme afirma ALENCAR, “educadores de distintos países vêm chamando a atenção para a necessidade de se promover na escola um ambiente propício ao desenvolvimento e expressão da capacidade de criar” (2002, p. 167). Como educadora, necessito manter a crença de que é possível estimular a criatividade e a cooperação. É inegável que vários fatores interferem no bom desempenho do trabalho pedagógico, mas é impossível ignorar a provocação de um educador como Freire, quando diz:

“Se nossas escolas, desde a mais tenra idade de seus alunos se entregassem ao trabalho de estimular neles o gosto da leitura e o da escrita, gosto que continuasse a ser estimulado durante todo o tempo de sua escolaridade haveria possivelmente um número bastante menor de pós-graduandos falando de sua insegurança ou de sua incapacidade de escrever” (FREIRE, 2013b, p. 69)

Agostinho Rosas afirma que a criatividade se afasta da ideia de dom e “passa a ser reconhecida como condição humana decorrente da capacidade de inteligência” (2013, p. 5). Nas atividades realizadas, foi possível percebermos o grande potencial criativo das crianças, o qual às vezes se encontra adormecido. Como educadores, precisamos acreditar nos educandos e despertar esse potencial, cultivá-lo, mostrá-lo, e assim estaremos contribuindo para construir uma geração de seres mais criativos e solidários.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano de. *O contexto educacional e sua influência na criatividade* in **Revista Linhas Críticas**, Brasília, v. 8, n. 15, jul./dez. 2002, p. 165-178.

_____. In **Revista Contrapontos** – v. 8 - n.2 - p. 295-306 - Itajaí, mai/ago 2008. Disponível em <http://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/10869/499/1/Desenvolvendo_potencial_criador%205%20anos%20de%20pesquisa.pdf>. Acesso em 02 out 2015.

COSTA, Iara Bemquerer e FOLTRAN, Maria José (orgs.) **A tessitura da escrita**. São Paulo: Contexto, 2013.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 24ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013 (a).

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 47ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013 (b).

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. 19.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

NASCIMENTO, Lizandra Andrade; AZEVEDO, Gilmar; GHIGGI, Gomercindo. **O conceito de amorosidade em freire e a recuperação do sentido de educar** (2013). Disponível em <<http://coloquio.paulofreire.org.br/participacao/index.php/coloquio/viii-coloquio/paper/download/46/308>> Acesso em 25 jul 2015.

OLIVEIRA, Zélia Maria Freire de e ALENCAR, Eunice Maria Soriano de. A criatividade faz a diferença na escola: o professor e o ambiente criativos in **Revista Contrapontos**. v.8 - n.2 - p. 295-306 - Itajaí, mai/ago 2008. Disponível em <<s://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=a%20criatividade%20faz%20a%20diferen%C3%A7a%20na%20escola%20o%20professor%20e%20o%20ambiente%20criativos>>. Acesso em 03 out 2015.

ROSAS, Agostinho da Silva. Por uma epistemologia da criatividade libertadora: entre atualidade brasileira e prática da liberdade in **Revista de Informação do Semiárido – RISA**, Angicos, RN, v. 1, n.1, p. 2-21, jan./jun. 2013. Edição Especial. Disponível em <http://periodicos.ufersa.edu.br/revistas/index.php/risa/article/view/3144/pdf_5> Acesso em 21 set 2015.

SOUZA, Luiz Marques de. **Compreensão e produção de textos**. Luiz Marques de Souza, Sérgio Waldeck de Carval ho. 5. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 1995.

JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo. **A criatividade verbal e sua importância nos ambientes educacionais**. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-85572001000200002&script=sci_arttext> Acesso em 01 out 2015